

1. Fraldas Espirituais: Você Está Lendo a Bíblia de Forma Madura ou Infantil?

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 02/11/2025 14:48

1. A Metáfora das Fraldas: Amadurecendo na Fé

Imagine a seguinte pergunta, aparentemente descabida: você ainda usa fraldas? A resposta imediata e óbvia seria um sonoro "não". No entanto, essa negativa ignora um fato: houve um tempo em que as fraldas, a mamadeira e a chupeta não apenas fizeram parte da sua vida, mas foram essenciais para ela. Eram ferramentas adequadas e necessárias para uma fase específica do desenvolvimento. Hoje, como adulto, recorrer a esses itens seria um sinal claro de imaturidade, uma recusa em abandonar uma etapa que já foi superada.

Essa transição natural do desenvolvimento humano serve como uma poderosa metáfora para um tema muito mais profundo: a maturidade na fé e a forma como interpretamos as Escrituras Sagradas. Atualmente, é comum encontrar uma abordagem da Bíblia que se assemelha a um adulto insistindo em usar fraldas. Trata-se de uma leitura fragmentada e anacrônica, que seleciona versículos isolados, especialmente do Antigo Testamento, e os aplica diretamente ao contexto atual sem qualquer critério ou compreensão do panorama geral da revelação divina.

Muitos afirmam crer "na Bíblia como um todo", mas, na prática, acabam se apegando apenas a partes específicas que lhes interessam, ignorando a progressão da história da salvação. Essa atitude cria uma fé infantil, que se recusa a avançar para um alimento mais sólido. A verdade é que a Bíblia não é um livro plano, onde cada promessa feita a Israel em um contexto de nação terrena pode ser reivindicada da mesma forma pelo cristão hoje. Houve um tempo e um propósito para cada instrução e cada promessa.

Para amadurecer espiritualmente, é crucial compreender que a revelação de Deus foi progressiva. Assim como as fraldas na infância, muitas das práticas e promessas do Antigo Testamento serviram a um propósito específico e preparatório, apontando para uma realidade maior que seria plenamente revelada em Cristo. Ignorar essa progressão é permanecer espiritualmente na infância, tentando vestir roupas que não servem mais.

2. Promessas de Prosperidade Terrena: A Visão do Antigo Testamento

Ao folhear as páginas do Antigo Testamento, é inegável encontrar uma forte correlação entre a fidelidade a Deus e a promessa de bênçãos terrenas e materiais. Essas promessas foram dadas a um povo específico, Israel, dentro de uma aliança que envolvia uma terra, uma nação e leis civis. Nesse cenário, a prosperidade, a segurança e a vitória militar eram sinais visíveis do favor divino e do cumprimento de Sua aliança.

Um exemplo claro dessa dinâmica encontra-se em **Isaías 1:19**, onde a promessa é direta: "Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra." A obediência está diretamente ligada ao usufruto dos melhores recursos materiais que a terra prometida poderia oferecer. Da mesma forma, o livro de **Provérbios 3:9-10** instrui: "Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares." Novamente, a honra a Deus com os bens materiais resultaria em uma abundância ainda maior.

Essa alegria pela colheita farta era até mesmo institucionalizada em festas, como a Festa dos Tabernáculos, mencionada em **Deuteronômio 16:13**, um período de celebração de sete dias após o recolhimento da produção da eira e do lagar.

A bênção não se limitava à agricultura; estendia-se ao poder e à soberania. Em **1 Reis 11:37**, Deus promete a Jeroboão que ele seria rei e reinaria "sobre tudo o que desejar a tua alma". No campo de

batalha, a lógica era a mesma. O rei Davi, em seu cântico de livramento, declara em **2 Samuel 22:38**: "Persegui os meus inimigos e os alcancei; e não voltei enquanto não os derrotei". A vitória militar era um selo da aprovação e do poder de Deus.

Essas passagens, e muitas outras semelhantes, formam a base para uma teologia da prosperidade que, isoladamente, parece perfeitamente bíblica. No entanto, interpretá-las como promessas universais e diretas para os cristãos de hoje, sem considerar a mudança de aliança e a vinda de Cristo, é o equivalente a permanecer na fase infantil da fé, apegando-se a um modelo que serviu ao seu propósito, mas que preparava o caminho para uma revelação superior e mais profunda.

3. A Riqueza do Reino: A Perspectiva do Novo Testamento

Com a chegada de Cristo, a narrativa bíblica apresenta uma profunda reconfiguração de valores. A ênfase na prosperidade material, tão presente na aliança com o Israel terreno, dá lugar a um tesouro de natureza celestial. O Novo Testamento não anula o Antigo, mas o cumpre, elevando seus conceitos a uma dimensão espiritual e eterna.

Essa mudança de paradigma fica evidente na parábola do rico insensato, narrada em **Lucas 12:18-21**. Um homem, abençoado com uma colheita abundante, planeja construir celeiros maiores para acumular seus bens e viver uma vida de descanso e prazer. Sua lógica é puramente terrena. Contudo, Deus o repreende, chamando-o de "louco", pois sua vida seria tirada naquela mesma noite. A conclusão de Jesus é cortante: "Assim é o que entesoura para si e não é rico para com Deus." A verdadeira riqueza, portanto, não está no acúmulo de bens, mas na condição espiritual diante do Criador.

O apóstolo Paulo ecoa esse sentimento em sua carta a Timóteo. Em **1 Timóteo 6:7-8**, ele afirma: "Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos vestir, estejamos contentes." Essa visão contrasta diretamente com a busca por fartura, propondo o contentamento como o estado ideal do crente, cuja esperança não reside nas posses temporais.

A própria natureza do Reino de Deus é redefinida. Quando interrogado por Pilatos, Jesus declara inequivocamente em **João 18:36**: "O meu reino não é deste mundo." Se o reino não é terreno, suas batalhas e vitórias também não são. Isso transforma radicalmente a noção de "inimigo". Enquanto Davi celebrava a destruição de seus adversários, Jesus ensina em **Mateus 5:44-45**: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste". A vitória cristã não é sobre pessoas, mas sobre o pecado, o ódio e a morte, através do amor e do perdão.

Talvez ninguém personifique melhor essa nova mentalidade do que o apóstolo Paulo. Em **Filipenses 4:11-13**, ele revela o segredo de sua resiliência: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece." A força não vinha da ausência de problemas, mas da presença de Cristo em meio a eles. A alegria não dependia de uma colheita farta, mas de um relacionamento inabalável com o Salvador.

4. Conciliando as Escrituras: Rumo a uma Fé Adulta

Como, então, conciliar as promessas de prosperidade terrena do Antigo Testamento com a ênfase espiritual do Novo? A resposta não está em descartar uma parte em favor da outra, mas em compreender o conceito de **revelação progressiva**. A Bíblia narra uma única e grande história da redenção, que se desdobra gradualmente ao longo do tempo, culminando na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

As promessas feitas à nação de Israel eram tangíveis e materiais por um motivo específico: Deus estava formando um povo terreno para, através dele, trazer o Salvador ao mundo. A terra, a descendência e a proteção nacional eram elementos cruciais para a preservação dessa linhagem

messiânica. O sustento material e a vitória militar eram necessários para que esse povo sobrevivesse em meio a nações hostis e cumprisse seu propósito histórico. Essas promessas eram as "fraldas" necessárias para aquela fase do plano de Deus.

Com a vinda de Cristo, o véu se rasga e o propósito se cumpre. Jesus se torna a lente através da qual toda a Escritura deve ser interpretada. Ele é o verdadeiro Templo, o sacrifício definitivo e o Rei de um reino que não é geográfico, mas espiritual e eterno. A Igreja, o novo povo de Deus, não é uma nação política, mas uma comunidade transcultural unida pela fé em Cristo.

Portanto, a maturidade cristã, ou a fé adulta, consiste em abandonar as "fraldas" de uma interpretação literalista e materialista das promessas do Antigo Testamento e abraçar a realidade superior revelada no Novo. A nossa "terra prometida" não é um lugar físico, mas a vida eterna com Deus. Nossos "celeiros cheios" não se referem a contas bancárias, mas à abundância da graça, do perdão e da paz que temos em Cristo. Nossa "vitória sobre os inimigos" não é a destruição de pessoas, mas a conquista sobre o pecado e a morte, manifestada no amor sacrificial.

Buscar as bênçãos do Antigo Testamento ignorando a nova aliança em Cristo é um grande engano. É como escolher a sombra em vez da realidade, o mapa em vez do destino. A fé madura não se pergunta "o que Deus pode me dar?", mas sim "quem é o Deus que se deu por mim?". Ela encontra contentamento não nas coisas que possui, mas no Deus que a possui, sabendo que, Nele, já tem todas as coisas.

A maturidade da fé floresce quando deixamos de buscar em Deus as bênçãos de um reino terreno para encontrar no próprio Deus a única e verdadeira bênção de um Reino eterno.

A Casa da Rocha. **#01 - Você usa Fraldas - Zé Bruno - Vidores**. Disponível em: <https://youtu.be/joA84JufApQ?si=YeZVm7vBj0q4-TI>. Acesso em: 10/08/2025.

Documento gerado em 19/01/2026 13:49:30 via BeHOLD